



PUC-RIO – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOTERAPIA DE FAMÍLIA E CASAL

Quando o intercursos sexual se faz ausente.
Um olhar sobre o desejo masculino em casais jovens

Aluna: Márcia Helena de Souza

Orientadora: Célia Henriques



Márcia Helena de Souza

**Quando o intercuro sexual se faz ausente.
Um olhar sobre o desejo masculino em casais jovens**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicoterapia de Família e Casal. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof.^a Célia Henriques
Orientadora

Prof.^a Cristina Ribeiro Dantas

Rio de Janeiro
Dezembro 2017

AGRADECIMENTOS

É com profunda gratidão que venho agradecer por escrito às pessoas que contribuíram, de forma direta e indireta, para este trabalho:

À minha mãe, Cerize, minha Cereja, que partiu durante a produção desta pesquisa, à quem honro por sua sensibilidade e foça.

A todos os meus mestres ao longo da minha história e dessa especialização.

Ao meu terapeuta e mentor, Pablo Zaffaroni, por me ajudar a superar meus medos e ocupar outros espaços na vida e na clínica com coragem e afeto.

A Sergio Manuel, amigo querido da graduação, que me incentivou a ingressar na especialização.

À Célia Henriques que, com seu profissionalismo, acolhimento e espontaneidade, me mostrou ser possível uma clínica sensível. Como minha orientadora e também supervisora, pelo respeito aos caminhos não lineares que tomei nessa pesquisa e por suas intervenções apropriadas. Meu muito obrigada!

Aos colegas de turma pelas trocas e parcerias.

À Rosane Gomes, amiga querida, pela ajuda e incentivo.

Aos amigos, amigas e família.

“O amor, o trabalho e o conhecimento são as fontes de nossas vidas.
Deviam também governá-las.”
(REICH, 1969)

*Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.
Pensar numa flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.
Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei da verdade e sou feliz.
[(Alberto Caeiro (Fernando Pessoa), 1925 – “O guardador de
rebanhos”)]*

SOUZA, Márcia Helena de. **Quando o intercuro sexual se faz ausente. Um olhar sobre o desejo masculino em casais jovens.** Rio de Janeiro, 2015, 34 p. Monografia - Departamento de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo compreender a falta do intercuro sexual por homens jovens na sociedade contemporânea ocidental e a implicação disso na manutenção da relação conjugal. A pertinência do tema se faz porque na conjugalidade contemporânea, a sexualidade tem uma grande importância e uma ausência de intercuro sexual pode gerar crise e sofrimento aos indivíduos que formam o casal e, possivelmente, os levará a pedir ajuda profissional. Por ser um tema delicado, o da sexualidade masculina, muitas vezes não problematizada pelo casal, se faz necessária a busca de uma compreensão sobre o tema, podendo assim proporcionar um manejo clínico que acolha o sofrimento do casal.

Palavras-Chave:

Conjugalidade, contemporaneidade, sexualidade masculina, subjetividade.

Sumário

1	Introdução.....	6
2	A sexualidade masculina na contemporaneidade.....	7
2.1	Contemporaneidade - mundo hoje.....	9
2.2	Sobre a formação da subjetividade e da sexualidade masculina - questões de gênero.....	11
2.3	O fenômeno "homem frígido" x "mito do pegador".....	17
3	Das transformações da sexualidade masculina à falta de intercuro sexual na conjugalidade.....	21
3.1	A construção do casal conjugal.....	22
3.2	Sexualidade e conjugalidade.....	24
3.3	Relação sexual e manejo do conflito.....	38
4	Considerações Finais.....	30
5	Referências Bibliográficas.....	31

1

Introdução

Na contemporaneidade, a sexualidade vem assumindo um papel essencial na vida conjugal, desde a constituição até a manutenção da mesma. Ao gênero feminino muitas vezes se atribui uma desculpa à negação do intercuro sexual ao acometimento de uma enxaqueca. Porém, comumente, tenho me deparado, tanto na vida profissional, enquanto psicoterapeuta, quanto na vida pessoal, em rodas de conversa, com os desabaços de mulheres jovens, queixosas da ausência do intercuro sexual por parte de seus parceiros.

Essas mulheres contam que apesar da suas intensas investidas, seus parceiros não correspondem e o casal pode chegar a um mês ou mais sem sexo. Muitas temem estarem sendo traídas, outras acreditam que os quilinhos a mais adquiridos após o casamento seriam os responsáveis pela falta de interesse sexual do cônjuge. E ainda além, que o amor acabou. Numa tentativa de se sentirem desejadas investem em lingerie, cortam o cabelo, correm para a academia e compram roupas novas para melhorar a autoestima. Mas veem diante de si o mesmo comportamento desinvestido de seus companheiros. Com isso, umas resolvem esperar o momento de seus parceiros, ou se fecham retraídas; já outras procuram a satisfação sexual nas relações extraconjugais ou partem para a separação.

Sabemos que um bom sexo pede um pouco mais de calma, em um mundo de tantos estímulos e cheio de distrações, então nos questionamos: estariam os homens mais cansados? Seria o empoderamento sexual feminino intimidando o homem em sua sexualidade? Ou seria o excesso de trabalho o causador do desinteresse, capturando a energia sexual do homem contemporâneo, deixando-o esgotado para o investimento sexual conjugal? Poderíamos pensar também como causa o narcisismo, tão característico dos dias atuais, inviabilizando uma conexão real com a parceira? Ou a comum desconexão do corpo com os sentimentos impedindo o genuíno abraço genital? Ou quem sabe o virtual esteja, pelo consumo de pornografias ou através dos aplicativos de relacionamentos, assumindo a primazia sobre o real? Ou será que podemos nos contentar com os argumentos de que este é um problema causado pela ilusão monogâmica e o desejo acaba com a segurança do vínculo?

Este trabalho objetiva compreender a falta do intercuro sexual na conjugalidade, por parte de homens jovens na sociedade contemporânea ocidental e a implicação disso na manutenção da relação conjugal. A pertinência do tema se faz, porque na conjugalidade

contemporânea, a sexualidade tem uma grande importância (DIAS, 2000) e uma ausência do intercuro sexual pode gerar crise e sofrimento aos indivíduos que formam o casal e, possivelmente, os levará a pedir ajuda profissional. Por ser um tema delicado, o da sexualidade masculina, muitas vezes não problematizada pelo casal, se faz necessária a busca de uma compreensão sobre a falta do intercuro sexual por parte do sujeito masculino na atualidade e suas repercussões na manutenção do vínculo conjugal, podendo assim proporcionar um manejo clínico que acolha o sofrimento do casal.

Para tanto, buscar-se-á desenvolver um texto visando uma articulação entre a sociologia, a psicanálise e a teoria sistêmica com uma estrutura em dois eixos, a partir de autores destas correntes teóricas, e de outras, com objetivo de compreender melhor o tema proposto.

No segundo capítulo, procuraremos entender tanto as novas subjetividades atuando no campo da sexualidade, quanto a possível falta de intercuro sexual masculino, conforme a experiência clínica e a escuta no âmbito social sugerem. Buscando ampliar as indagações e reflexões advindas dessas escutas clínicas e sociais, dialogaremos com autores que versam sobre o assunto como Antony Giddens (1993), Joel Birman (2003, 2012 e 2016) e Nancy Chodorow (1990), Foucault (1979, 1999, 2004 e 2009).

No terceiro capítulo, propomos desenvolver como a falta do intercuro sexual masculino repercute no casal conjugal, a partir da compreensão da formação do vínculo conjugal e da instauração da própria conjugalidade. Para tal proposição, lançaremos mão dos escritos de Bozon (2003, 2004), Féres-Carneiro & Ziviani (2003, 2009), Goldenbeng (2000, 2010), Puget & Berenstein (1993), dentre outros.

Para problematizar e ilustrar cada capítulo, lançaremos mão de depoimentos de internautas, coletados em blogs e rede sociais.

2

A sexualidade masculina na contemporaneidade

A sexualidade como a conhecemos hoje, é algo muito novo, desconhecida para o ocidente até o século XVIII e vem sendo construído ao longo desse tempo. O termo foi cunhado no Século XIX, e até então homens e mulheres eram visto na ótica do um sexo único, o monismo. Nesta perspectiva a mulher era vista como um homem invertido e inferior, reinando assim a primazia do homem (FOUCAULT, 1979, 1986; CARELLI, 2017).

O marco inicial da idade contemporânea é a Revolução Francesa, com sua luta pelo liberalismo (1789 a 1799), e abrange até nossos dias. Apesar da luta pelo liberalismo, a Revolução Francesa, que tinha em seu bojo acabar com as estruturas feudais vigentes, trouxe com ela um conservadorismo, cujos preceitos de liberdade, igualdade e fraternidade, eram destinados aos homens e não as mulheres. Época em que instituiu-se a ideia do amor romântico e iniciou-se uma repressão sexual, com fortes tabus e duplo padrão moral. Isso se deu desta forma, porque o poder absoluto do rei era garantido pelo direito divino, e onde o clero possuía status de Estado. Ao longo desse período, até os dias de hoje, muitas transformações aconteceram e estão acontecendo (CARELLI, 2017).

Até esse tempo a sexualidade permaneceu exclusivamente no domínio da ordem religiosa e moral, sendo banida do discurso. A partir do século XIX, com o advento da modernidade, a sexualidade adquiriu uma importância estratégica como mecanismo de controle e institucionalização. Segundo Foucault (1979), pela primeira vez na história, a maneira como cada um usa o sexo, implica no futuro e na fortuna da sociedade. “Entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública” diz Foucault (*ibid*, p.29). De forma que através da sexualidade, como dispositivo, o poder se organizou na captação “de corpos, de sua materialidade, de suas forças, suas energias, suas sensações, seus prazeres” (p.145) (FOUCAULT, 1979).

Segundo Foucault (*ibid.*), até o século XVII, para as práticas sexuais não havia segredos e o que se via entre os corpos eram “gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas, e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo e sem escândalo, entre os risos dos adultos” (*ibid.* p.9). Mas a partir do século XIX, época do Vitorianismo, esse tipo de sexualidade foi cuidadosamente encerrada dentro das casas burguesas, confiscada pela conjugalidade, numa função quase

exclusiva de reprodução. Uma mulher vitoriana desprezava o sexo. Nesse período, marcado pela expansão industrial, a sexualidade precisava ser negada e as temáticas de culpa, pecado, indecência e imoralidade tornaram-se frequentes, e os comportamentos passaram a ser regidos pelo pudor e vergonha (CARELLI, 2017; FOUCAULT, 1979).

A reinvenção do sentimento surgiu com a ideia do amor romântico, que começou a marcar presença no final do século XVIII, e introduziu a ideia de uma narrativa pessoal para o eu e o outro, onde o amor sublime rompe com a sexualidade, com as compulsões sexuais. Nesse tipo de amor, a virtude assume qualidades de caráter, não só de inocência. Segundo Giddens (1993), a ideia do amor romântico contribuiu para mudanças na vida social como um todo (CARELLI, 2017; GUIDDENS, 1993).

No final do século XIX e início do século XX, Freud choca a sociedade vitoriana com sua teoria do inconsciente e da sexualidade infantil. No entanto, os avanços significativos foram teorizados sem considerar profundamente a sexualidade feminina, como no complexo de Édipo, cujo paradigma é pautado na sexualidade masculina. Já século XX, marcado pela expansão do mercado, pelo aumento da produção e do consumo e pela circulação de informações, entre outros, propiciou uma nova concepção da mulher que passou a ocupar o mercado de trabalho e ter direito a educação durante o pós-guerra. A partir de então, o duplo papel moral e as discussões sobre os papéis sexuais passaram a ser questionados pelo movimento feminista (BIRMAN, 2010, 2012; CARELLI, 2017; FOUCAULT, 1979).

No Século XXI, a valorização do prazer no sexo, esquecidos nos tempos vitorianos, são retomados no contexto das relações, e surge o ideal da perfeição, de corpos sarados (CARELLI, 2017). Para entendermos as questões que atravessam a sexualidade do homem contemporâneo, será necessário passarmos pelos conceitos da contemporaneidade e pela formação da subjetividade masculina, que será vista a partir das discussões de gênero.

2.1

A contemporaneidade – mundo hoje

Mundo hoje: oceano infinito, agitado por ondas turbilhonares – fluxos variáveis sem totalização possível em territórios demarcáveis, sem fronteiras estáveis, em constantes rearranjos. De acordo com alguns, um segundo dilúvio – só que desta vez as águas nunca mais irão baixar, nunca mais haverá terra à vista, as arcas são muitas e flutuam para sempre, lotadas de noés também muitos e de toda espécie. Nunca mais os pés pousarão na paisagem estável de uma terra firme: habituar-se a “navegar é preciso”, sem um norte fixo, como ponto de vista geral sobre esta

superfície tumultuada e movente. Não há mais apenas uma forma de realidade com seu respectivo mapa de possíveis. Os possíveis agora se reinventam e se redistribuem o tempo todo, ao sabor de ondas de fluxos, que desmancham formas de realidade e geram outras, que acabam igualmente dispersando-se no oceano, levadas pelo movimento de novas ondas (ROLNIK, 1998, p. 1).

A contemporaneidade, instituída pela globalização e os avanços tecnológicos, forma subjetividades metamorfoseantes, marcadas pelo vazio de sentindo. Nela, encontramos realidades distintas e concomitantes: desestabilização exacerbada e a persistente referência identitária. Entre esses dois universos paralelos, o sujeito contemporâneo é surpreendido constantemente por novos acontecimentos que o deixam atônito, desorientado, escapulindo dele todas as certezas de outrora. Aspectos sociais como sexualidade, relacionamento, casamento e família sofrem diretamente o impacto destas transformações (BIRMAN, 2012; GIDDENS, 1993; ROLNIK, 1996, 1998).

Na atualidade, surgem novas modalidades do sofrer. Para Birman (2012), o mal-estar na contemporaneidade se apresenta com novos registros, diferente do mal-estar na civilização, explicitado por Freud (1996), que estava centrado no conflito psíquico. Atualmente, esse mal-estar, está evidenciado nos registros do corpo, da ação e das intensidades.

O registro no corpo é onde mais se anuncia o mal-estar na atualidade, porque é no corpo que aparecem as queixas, as dores, o esgotamento, o estresse, a depressão e o pânico. É nesse corpo dos excessos, da busca da perfeição e do não envelhecimento, que se dá a medicalização do indivíduo e onde se estabelece o biopoder anunciado por Foucault (1979). Nas palavras de Birman (2003), a dor é uma experiência que marca as subjetividades contemporâneas, caracterizada pela incapacidade do indivíduo em transformá-la em sofrimento e demandar do outro. No sujeito que sofre há espaço para a alteridade, mas no sujeito da dor, há paralização e passividade que espera que o outro faça alguma coisa para amenizá-la.

No registro da ação, o mal-estar se apresenta em um sujeito exteriorizado e performático. O excesso da ação contrapõe aquele sujeito do pensamento, o da modernidade de Decartes, do “penso, logo existo”. O excesso da ação desenvolve uma subjetividade marcada pela hiperatividade, pela violência e pela criminalidade. Ainda dentro desta perspectiva do excesso da ação, Birman (2012) vai apontar a compulsividade presente no consumo de alimentos, das drogas e do sexo.

O terceiro e último registro do mal-estar na contemporaneidade, apresentado por Birman (2012), está circunscrito no registro das intensidades, especificamente no excesso da afetação e do sentimento. Aqui, a economia psíquica é subvertida em sua totalidade, levando à baixa autoestima, à desvalorização e à desqualificação de si. Birman (2012) assinala que o sujeito dentro deste registro, perde a potencialidade de ser e se esvazia da capacidade de dar conta do eu e do mundo. Outro aspecto, é a desposseção de si, o medo de se perder de si, que se personifica como o mal do século: a depressão. Por último, tragicamente, o sujeito se esgota e perde qualquer projeto de existência, produzindo uma espécie de fadiga de si mesmo, um vazio do e no existir.

Para Birman (2016), a fragmentação da subjetividade ocupa no ocidente uma posição fundamental, e sua expressão dominante é o narcisismo. Birman, toma empréstimo do conceito que Freud, ao longo de sua obra, vai formular sobre o Narcisismo. Em “Leonardo da Vinci” (1910) Freud diz que “Narciso, segundo a lenda grega, era um jovem que preferia sua própria imagem a qualquer outra, e foi assim transformado na bela flor do mesmo nome” (pg. 60). Em 1914, Freud aprofunda a temática e forja a teoria do Narcisismo como uma etapa fundamental do desenvolvimento do psiquismo, pois permite a ligação afetiva com os outros, baseado no seu próprio modelo (passagem do narcisismo primário para o narcisismo secundário). Neste contexto, uma pessoa narcisista seria uma pessoa fixada em seu narcisismo primário, onde se dá o autoerotismo, o prazer centrado no próprio corpo (FREUD, 1910 e 1914; LEVY, 1966).

Para Birman (2016), no Narcisismo contemporâneo, o eu assume uma posição privilegiada na economia psíquica do sujeito, onde haverá uma certa anulação da alteridade do outro. O outro será utilizado como objeto de predação e gozo, será devorado e descartado na mesma fluidez das identidades efêmeras presentes na contemporaneidade. Desta forma, o sujeito contemporâneo está autocentrado no eu, dada fragmentação da subjetividade, porém, este autocentramento está voltado para a exterioridade, onde a dimensão estética será pautada no olhar do outro, para a plateia, para o espetáculo (BIRMAN 2012, 2016; ROLNIK, 1998).

Este mal-estar, minunciosamente apresentado por Birman (2016), em qualquer situação na cultura ocidental, na perspectiva de qualquer gênero, é perturbador. Mas é preciso ressaltar que tudo isto influencia substancialmente no comportamento sexual de homens e mulheres, e numa fragmentação da subjetividade no ocidente, levando muitas vezes, dentre inúmeras outras coisas, ao desamparo.

2.2

Sobre a formação da subjetividade e da sexualidade masculina – questões de gênero

Subjetividades hoje: arrancadas do solo, elas tem o dom da ubiquidade – flutuam ao sabor das conexões mutáveis do desejo com fluxos de todos os lugares e todos os tempos, que transitam simultâneos pelas ondas eletrônicas. Filtro singular e fluido deste imenso oceano também fluido. Sem nome ou endereço fixo, sem identidade: modulações metamorfoseantes num processo sem fim, que se administra dia a dia, incansavelmente (ROLNIK, 1998. P.1).

Sabemos que toda cultura traz em suas representações modos de ser masculino e modos de ser feminino como meio de reconhecimento e inserção social. Esse modo de ser está dado mesmo antes do nascimento. Enquanto as mulheres aprendem a ser femininas e submissas, a gostar de rosa e desejar ter filhos, ainda que hoje lhes sejam possível construírem identidades próprias; aos homens cabe serem vigiados na sua masculinidade e precisam a todo tempo provar seu domínio sobre as mulheres, gostar de carros e de luta e ter um inesgotável apetite sexual (SCOTT, 1999; BEAUVOIR, 1967; REICH, 1968).

Importante aqui salientar que, segundo Scott (1995), a palavra gênero foi um termo cunhado pelas feministas americanas, com o intuito de “ênfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (p. 2); no intuito de rejeitarem o termo “sexo” e “diferença sexual” por estar neles implícitos o conceito de determinismo biológico. O uso do termo “gênero”, pressupunha também a compreensão da reciprocidade entre mulheres e homens. Aqui, tomaremos o termo “gênero” como uma forma de indicar as construções culturais dos papéis destinados aos homens e as mulheres na contemporaneidade (SCOTT, 1995).

Scott (1995) pontua, dentre as várias abordagens que analisa o gênero, três posições teóricas de historiadores/as feministas: a inteiramente feminista que dedica-se a explicar a origem do patriarcado; a de tradição marxista que busca um compromisso com as críticas feministas; e a de tradição psicanalítica, uma de referência do pós-estruturalismo francês e a outra das teorias anglo-americanas de relação de objeto, que tentam “explicar a produção e reprodução da identidade de gênero do sujeito” (ibid. p. 75).

Partindo do pressuposto de que, como nos diz Scott (*ibid.* p.75), “qualquer informação sobre mulheres é necessariamente informação sobre homens, que um implica estudo do outro”, para pensarmos sobre a formação da subjetividade e da sexualidade masculina, lançaremos mão do pensamento de feministas como Nancy Chodorow.

Chodorow é uma feminista da Escola Anglo-Americana, que trabalha nos termos das teorias de relação de objeto, e dentro do movimento feminista, se preocupa em, centrada nas primeiras etapas do desenvolvimento infantil, problematizar como a identidade do sujeito é criada (CHODOROW 1990; SCOTT, 1995). Ela nos apresenta uma boa perspectiva para entendermos a formação da identidade de gênero, aqui, mais precisamente, sobre a formação da identidade masculina.

Em *psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*, Chodorow (1990) procura entender como se dá a diferença entre homens e mulheres na organização dos cuidados com as crianças. Para esta autora, a maternagem, que consiste na socialização e cuidado com o bebê, é exercida fundamentalmente pelas mulheres e se estabelece de forma distinta para meninos e meninas. Essa diferença na maternagem servirá de base para as diferenças existentes entre homens e mulheres. Vejamos a seguir como isso se desenvolve para esta autora.

A maternagem é, para Chodorow (1990), uma função de forte base psicológica, desempenhada quase exclusivamente, ainda hoje, pelas mulheres. Ela afirma que todas as crianças, meninos e meninas, na sociedade contemporânea ocidental, se identificam primariamente com a mãe. Essa imagem que a criança forma da mãe está longe de ser uma imagem de um indivíduo castrado, como afirma a psicanálise, mas de uma imagem de um ser todo-poderoso, universalmente importante (CHODOROW, 1990; GIDDENS, 1993). O complexo de castração, segundo Roudinesco (1998, p.104), “é o sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança quando ela constata a diferença anatômica entre os sexo” e fantasia a amputação do pênis. Esse conceito é apresentado por Freud primeiramente no texto de 1908, “Sobre as teorias sexuais infantis”.

Para Chodorow (1990), a diferença marcante entre menino e menina, é que as meninas permanecem por mais tempo numa relação simbiótica com a mãe. Já o menino precisa se afastar da mãe, sua identificação primária (fusional), para tornar-se homem, em um processo de identificação secundária com o pai, que se dá por meio de uma ruptura abrupta e cruel com a mãe. Cruel, porque será convocado a separar-se e diferenciar-se sem demonstrar seus sentimentos, fraquezas, medos e emoções, o que os farão se sentir mais separados e distintos dos outros. Já as meninas são menos estimuladas a se separarem da sua identificação primária, e continuam apegadas interna e externamente à mãe pré-edípica, acrescentando ao seu mundo de objetos primários o pai. O que resulta para as mulheres, em um eu mais conectado e contínuo com os outros, e no recebimento do legado da maternagem (CHODOROW, 1990).

Já o afastamento do menino, segundo Chodorow (1990), da sua identificação primária, mais a excessiva presença da mãe e ausência do pai, cria uma ambivalência: por um lado ele desenvolve uma rejeição pelo mundo das mulheres e pelas coisas femininas, e por outro, ele desenvolve uma carência que o coloca em uma busca por mulheres simples e acolhedoras. Assim, surgem as dificuldades do homem com o amor, e com a masculinidade energética e combativa, que vai levar Giddens (1993), a considerar, baseado em Chodorow (1990), que

[...] as origens da autoidentidade masculina estão ligadas a uma profunda sensação de insegurança, uma sensação de perda que daí em diante assombra a memória inconsciente do indivíduo. A confiança básica, a verdadeira fonte de segurança ontológica, fica intrinsecamente comprometida, pois o menino é abandonado ao mundo dos homens pelas próprias pessoas que eram os principais adultos com quem ele poderia contar (GIDDENS, 1993, p.130).

Funda-se, assim, a natureza frágil da sexualidade masculina, e Giddens (1993), baseado em alguns estudos de casos terapêuticos contemporâneos, vai apontar o quão a masculinidade é prejudicial aos homens: o caráter compulsivo em direção a sexualidade, ansiedade sexual, sentimentos crônicos de inferioridade e de perturbação pessoal, falta de prazer, dentre outros. Para esse autor, sexualidade e intimidade enunciam, na contemporaneidade, os dilemas próprios do self.

Nesta lógica de construção da masculinidade, onde “ser homem é fundamentalmente não ser mulher” (ibid. p.134), os homens continuam sendo formados, como dizia Reich (1969), para ostensivamente penetrar, conquistar e dominar uma mulher e não como propunha à época, “abandonar-se livre de quaisquer inibições, ao fluxo da energia biológica (REICH 2004, p.94), livre de desprazer, da angustia e de fantasias; descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões no corpo.

Cabe ressaltar que Scott (1995) faz críticas a Chodorow e outros/as historiadoras/res feministas psicanalistas, quanto à busca de uma causalidade geral e universal do comportamento do gênero. Mais especificamente sobre a teoria de Chodorow, Scott (1995) aponta que o conceito de gênero é reduzido a esfera familiar, não deixando meios para a formação da identidade de gênero “a outros sistemas sociais, econômicos, políticos e de poder” (ibid. p.81), porque sua explicação não rompe com os argumentos da teoria de papéis.

Scott (1995), ao contrário, propõe a necessidade de seguidamente perguntarmos “como as coisas se passam para descobrir porque elas se passam” (ibid. pg.86) e buscar o significado que as atividades do gênero adquirem através da interação social. Ela ressalta que para compreender o funcionamento do gênero, é necessário buscar o significado através da articulação, dessa natureza interrelacional que existe entre o sujeito individual e as organizações sociais.

Além disso, propõe quatro elementos interrelacionados para a definição de gênero: os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas; os conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos cuja função é limitar e conter; a concepção de política bem como uma referência às instituições e à organização social (a complexa sociedade moderna; mercado de trabalho, a educação, o sistema político); e por fim, a identidade subjetiva de cada um (e não o universalismo), porque “homens e mulheres reais não cumprem sempre, nem cumprem literalmente, os termos das prescrições de sua sociedade ou de nossas categorias analíticas” (SCOTT, 1995, p.87).

Scott (1995) se baseia nas premissas de Foucault, que entende o sujeito como histórico, produtor na sua própria história e pela história que o permeia. Para Foucault (1993), mesmo sendo constituído pelos “jogos de verdade” que o assujeita, o sujeito é possuidor de uma certa margem de liberdade podendo romper com tal assujeitamento. O que significa dizer que para Foucault (1993; 2004) não existe uma teoria *a priori* do sujeito, de uma essência humana, aqui no caso, de uma essência masculina. A verdade é instituída e desinstituída pelo sujeito por meio de práticas, onde em cada relação que estabelece, se posicionará de uma forma diferente (FOUCAULT 1993; 2004).

Retomando o tema da masculinidade, Lisboa (1998), em seu texto “Masculinidade: as críticas ao modelo dominante e seus impasse”, relata que no “Simpósio de Homem” ocorrido no Brasil em outubro de 1985 e organizado por homens, concluiu-se que os homens estavam “em crise”. A crise do homem seria, conforme relata a Lisboa (ibid. p.131), “resultante das transformações no comportamento das mulheres e na moral sexual, e “do questionamento da posição dominadora e patriarcal dos homens na sociedade e na família”. Chegou-se a constatação de que, assim como atua como carcereiro, o homem é também prisioneiro.

Essa afirmação nos leva a pensar que os homens então sofrendo no lugar que são convocados a ocupar desde cedo. Essa percepção da crise masculina, incentivou à formação do “grupo de homens”, um espaço terapêutico onde os homens de classe média

são levados a repensar e contestar os valores herdados de seus pais, no contexto do modelo hegemônico masculino (Lisboa, 1995).

2.3

O fenômeno "homem frígido" x "mito do homem pegador"

Instaura-se um tipo de subjetividade que tende a desconhecer os estados intensivos e a orientar-se unicamente pela dimensão formal, constituída, no caso, por uma ininterrupta enxurrada de imagens. Contribui para isso, o fato de que o mercado tenha se convertido hoje no principal – senão único – dispositivo de atribuição de valor social e, portanto, de distribuição de reconhecimento. Isso faz com que as subjetividades tendam a orientar-se cada vez mais na direção das formas que se supõe valorizáveis, em função desse reconhecimento, e cada vez menos em função da eficácia das formas enquanto veículos de sentido para as diferenças que vão se produzindo. Um modo menos experimental e mais mercadológico de subjetivação, cuja constituição é especialmente favorecida pelos monopólios da mídia. Em suas artérias eletrônicas, navegam por todo o planeta imagens de formas de existência glamourizadas, que parecem pairar inabaláveis sobre as turbulências do vivo. A sedução dessas figuras mobiliza uma busca frenética de identificação sempre fracassada e sempre recomeçada, já que se trata de montagens imaginárias (ROLNIK, 1996. P.2).

Cirelli (2017) aponta alguns estereótipos sexuais masculinos que criam conflitos internos, tais como: “o homem sabe tudo sobre sexo e não tem o que aprender”; “o homem sempre deseja sexo e sempre está disposto para o sexo”; “no sexo o desempenho é o que vale”.

No entanto, segundo Rodrigues Jr (2017), muitos homens apresentam disfunções sexuais numa prevalência que varia de 5 a 75%, cujas causas podem ser de cunho psicológico ou orgânico, sendo as psicossociais o de maior prevalência. Embiruçu e Lordello (2017), declaram que 20 a 30% dos homens podem sofrer de alguma disfunção sexual. Esses dados, dentre outras coisas, desconstróem esses estereótipos masculinos do “homem pegador”. As disfunções sexuais possuem interações importantes entre os aspectos biológicos, sociais e psicológicos. Rodrigues Jr (2017) vai apontar como causas psicossociais das disfunções sexuais, o abuso de substâncias, o estilo de vida, o comportamentos e as atitudes assexuais, os relacionamentos conjugais, o modo como se expressa o desejo sexual, e as ideias, conhecimento e crenças sobre sexo (CARELLI, 2017; EMBIRUÇU E LORDELLO, 2017; RODRIGUES JR, 2017).

O desejo sexual, encarado como um processo biopsicossocial, sofre a interferência de três fatores: o cognitivo, que inclui imagens mentais e pensamentos dentro de um

universo social e também psicológico; o emocional, cuja influência psicológica interfere diretamente na resposta metabólica; e a neurofisiológica, que consiste na influência das respostas químicas e hormonais despertadas / despertantes do desejo sexual (PEREIRA, 2017).

Importante ressaltar, nesta perspectiva do “homem pegador”, que para muitos indivíduos, como nos diz Rodrigues J. (2017), “a identidade masculina, o perceber-se homem, (...) implica sentir que a função sexual é plena e produz satisfação” (Kindle Locations 9733). No entanto a falta do intercuro sexual no casal conjugal, muitas vezes é provocada por disfunções sexuais masculinas. Rodrigues Jr (2017) apontam várias queixas sexuais masculinas, encontradas comumente em sua clínica: aversão ou fobia sexual, ejaculação rápida ou precoce, ejaculação retardada, inibição ejaculatória, anorgasmia (falta de prazer orgástico), entre outras. Para ele, todo e qualquer profissional de saúde pode e deve atuar com esses pacientes em sofrimento, muito embora, a maioria dos problemas sexuais estejam associados às ansiedades, expressões depressivas e distorções cognitivas.

Não funcionar sexualmente de modo (subjetivamente) adequado pode ser interpretado como um grande problema. [...] As disfunções sexuais referem-se às diferentes manifestações de dificuldade ou incapacidade em uma ou mais fases da resposta sexual, segundo as quais o indivíduo não vivencia a atividade sexual de maneira satisfatória ou desejada (RODRIGUES JR, 2017, Kindle Locations 9733).

Muitas são as ideias e crenças masculinas sobre o sexo, que dificultam o intercuro sexual. O pensamento de “Tenho que dar prazer à minha parceira” (RODRIGUES JR, 2017, *Kindle Location* 9928) retrata o peso da identidade masculina e faz com que o homem não se deixe desfrutar do contato com o outro, com sua parceria sexual. Isso demonstra uma certa incapacidade de se entregar e sendo levado a um distanciamento físico, dada a prerrogativa de ter que fazer sexo.

Um paciente [...] passa a pensar negativamente sobre sexo na condição de que “tem que dar prazer à esposa” e, que a cada aproximação física que fizer, deverá produzir um relacionamento sexual. Afirma que não a pode tocar, fazer um carinho, pois, se o fizer deverá também fazer sexo. Assim, afasta-se constantemente da esposa. Quando ela demonstra algum sinal de desejar fazer sexo, ao pensar não ser capaz de lhe dar prazer [...] entra em altos graus de ansiedade e dificulta a consecução da ereção peniana. Ao não se importar com o próprio prazer, apenas a ideia de fazer a esposa sentir prazer é percebida como verdadeira. Com algum tempo de terapia, passa a usar a frase: “Percebo que não consigo estar 100% disponível para qualquer coisa que dá prazer” (RODRIGUES JR, 2017, *Kindle Location* 9928).

Rodrigues Jr (2017), também aponta um outro pensamento comum, de que “sexo é penetração”. Esse pensamento leva os homens a descontextualizarem o momento sexual, construindo a ideia da obrigação da ereção e confundindo assim, desejo com ereção. Isso pode levar o homem a produzir uma ansiedade e ao medo de falhar, mesmo tendo desejo. O pênis, neste contexto, sempre é muito valorizado, perdendo as sensações de prazer obtidas no contato sexual. Em contrapartida, a interpretação da mulher referente a falta de ereção masculina, segue em direção à interpretação de que a falta de ereção se dá porque ele não gosta mais dela, não mais a deseja, por não ser atraente o suficiente para ele. Do outro lado o homem se responsabiliza por identificar uma possível tristeza nela (RODRIGUES JR, 2017).

Deve-se considerar que as ideias e crenças em torno do sexo são formados pelo tecido social, familiar e educacional, e também através de mídia e internet. Schmidt e Diehl (2017) apontam que o consumo da pornografia cresceu consideravelmente nos últimos 20 anos, e que são poucas as pesquisas sobre os efeitos da mesma nas subjetividades em formação. Há quem associe seu o consumo da pornografia ao aumento da violência sexual, abuso sexual infantil, visão negativa e depreciativa da gênero feminino. A verdade é que o acesso à pornografia foi facilitada pelo advento da internet e muitos adolescentes procuram sites pornográficos para obter educação sexual (SHUMIDT & DIEHL, 2017).

Cavalheiro, Gomes & Ziemkiewicz (2017), apontam que tanto a pornografia quanto a mídia tradicional, vêm distorcendo a realidade sexual e reforçando estereótipos sexuais irreais; e, por sua vez, o surgimento de sentimentos de inadequação provocados pelas expectativas irreais: tamanho do pênis e ereção, tempo do coito, posições, ejaculação e orgasmos, o não uso da camisinha, etc.; e as disfunções sexuais, tais como ejaculação precoce, onanismo, compulsão; também outra crença/ideia produzida pela pornografia, são as generalizações, como: “toda mulher gosta de levar tapas e puxões de cabelo, sufocamento e xingamentos”, “elas estão sempre prontas para a penetração”. Mas a realidade, bem diferente do vídeos e filmes e revistas, convocam o homem à ocupar o lugar da insegurança e frustração (SHUMIDT & DIEHL, 2017; CAVALHEIRO, GOMES & ZIEMKIEWICZ, 2017).

Diante dessas pseudo verdades tão dadas e acessíveis para qualquer um, através da mídia e internet, quem ousa perguntar? Quem ousa não saber? Sabe-se de tudo até a segunda linha, é uma expressão muito comum sobre o acesso ao conhecimento na atualidade. Corroborando com o que disse Rolnick (1996) no início desse subcapítulo, “A sexualidade é performática e nos estabelece como *outside of ourselves*, ou seja, como fora de nós mesmos” como diz Cavalheiro, Gomes & Ziemkiewicz (2017, Kindle Locations 15641).

Vimos até aqui, que a falta de intercuro sexual masculino, pode ser causado pelas disfunções sexuais, muitas vezes provocadas por aspectos psicossociais. Cabe também pensarmos sobre a perspectiva de Reich (1969; 2004), quando afirma que é só durante algum tempo que as necessidades sexuais podem ser satisfeitas numa relação monogâmica. Reich (1969) diz que quando a atração sexual do parceiro diminui ou desaparece completamente, o homem pode apresentar perturbações da potência e com o passar do tempo, levá-lo à depressão. Quando nos outros aspectos a relação conjugal é boa, o desejo sexual costuma reaparecer. A repressão, devido ao sentimento de culpa e do moralismo, do desejo por outro/a parceiro/a e a aversão pelo/a atual, pode levar a uma doença neurótica e perturbações na capacidade de trabalho. É comum, para dar conta, lançar mãos de fantasias e de práticas masturbatórias (REICH, 1969).

Reich em “*A função do orgasmo*” (2004), definirá a neurose como resultado de uma perturbação da libido genital. Onde o equilíbrio do indivíduo somente pode ocorrer através da plena satisfação da libido pelo orgasmo. Porém, a repressão da sexualidade leva o indivíduo ao represamento pulsional da libido, gerando angústia, a qual influenciará diretamente no desempenho das capacidades de trabalho do indivíduo e do seu equilíbrio emocional. Resultando assim, numa introspecção do indivíduo e a não realização efetiva sexual. Para Reich (2004), é através de um lar neurótico, e por meio de suas práticas pedagógicas, que os sujeitos serão alienados da sua força vital. Para este autor,

O flagelo maciço das neuroses é produzido em três estágios principais da vida humana: na primeira infância, através da atmosfera de um lar neurótico; na puberdade, e finalmente no casamento compulsório, na sua concepção estritamente moralista (*ibid.* p. 173).

Referente à primeira infância, Reich vai dizer que as práticas de treinamento estrito e prematuro de limpeza, do bom comportamento (autocontrole e boas maneiras) tornam as

crianças dóceis. Bem como a inibição da sexualidade natural na infância propicia o ambiente perfeito para o lar neurótico. Reich (2004) aqui afirmará que essa docilização será a origem da falta de independência do ser humano, em pensamento e ação, pois para este autor, “a mobilidade psíquica e a energia caminham de mãos dadas com a vitalidade sexual” (ibid. *p.* 173). No período da puberdade, Reich (2004) propõe que os adolescentes encontrem livremente seu caminho na vida sexual e do trabalho, evitando assim frustrações determinadas pela inibição sexual e a regressão para a situação de infância que desencadeiam, comumente neste estágio, neuroses e psicoses. Para Reich, as práticas ascéticas impostas aos adolescentes, tem como função torná-los dóceis e casáveis.

Reich (2004) encara o casamento como uma forma imposta às necessidades sexuais por meio de processos socioeconômicos. Para ele, as necessidades sexuais podem ser satisfeita por um mesmo companheiro somente por algum tempo, no entanto, o vínculo econômico e as exigências moralistas favorecem a permanência na relação conjugal, acarretando assim a infelicidade no casamento imposta pela monogamia vitalícia. Para Reich (2004), a cultura patriarcal reproduz, através de suas instituições, os microfascismos que mobilizam determinadas forças e levam a humanidade à subordinação pelas instituições totalitárias, através do encorajamento do homem moderno (isolamento, indigência, desejo de autoridade, medo às responsabilidade). O problema do casamento compulsório, segundo Reich (1969), é que as manifestações de carinho se esgotam, trazendo a infelicidade, muitas vezes a infidelidade, que com o tempo prejudica a relação sexual, produz o ciúme, sentimentos de inferioridade sexual. (REICH, 1969, 2004)

3

Das transformações da sexualidade masculina à falta do intercuro sexual na conjugalidade

Vimos anteriormente como o sujeito contemporâneo apresenta certas peculiaridades, antes nunca vividas na história ocidental, que vem causando mudanças em todo o tecido social. Também discutimos um pouco sobre a formação da subjetividade masculina a partir dos escritos feministas e da suposta crise do homem na contemporaneidade.

Encontramos pesquisadores como Jablonski (2005), que aponta que as mudanças ocorridas na sociedade contemporânea têm colocado o casamento em estado de crise, especificamente nas famílias nucleares urbanas. Tanto a dita crise do homem, como a crise do casamento, nos convoca a pensar em outros modos de entender as subjetividades envolvidas no vínculo conjugal, não descartando as várias abordagens, mas escutando as muitas vozes que apontam para os múltiplos modos de ser e estar no mundo.

No contexto da Psicoterapia de Casal e Família, aproximando ao que Scott chama atenção, Passos (2005), em seu texto *Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família* (ibid. p.12), afirma que há uma certa dificuldade entre os psicanalistas “em expandir a compreensão dos fenômenos até as adjacências que os circunscrevem” e afirma que há movimentos que permanentemente são transformados entre aqueles que sempre existirão, numa dança entre o velho e o novo coexistindo simultaneamente. Isso pressupõe que as “mudanças sociais se entrelaçam na constituição da subjetividade e vice-versa” (ibid. p.12), e que a dinâmica das relações conjugais sofre influências dos fatores culturais, sociais, econômicos e da contemporaneidade.

Chegamos ao ponto em que nos propomos desenvolver nesta pesquisa: como a falta do intercuro sexual masculino repercute no casal conjugal, a partir da compreensão da formação do vínculo conjugal e da instauração da própria conjugalidade. Para tanto precisaremos entender, principalmente a partir do texto de Puget & Berenstein, a construção do casal conjugal, apesar das tantas as transformações existentes na sociedade, que muitas famílias começam por motivos variados, não só pelo casamento. Encontramos pessoas que estão juntas pela simples disposição de constituírem uma vida em comum, pelo amor existente entre ambos, ou por um forte sentimento que os une, mas sempre atravessados pelo velho e pelo novo.

3.1

A construção do casal conjugal

Aqui pretende-se observar os traços mais importantes da formação do casal conjugal, nas perspectivas da psicoterapia sistêmica e da psicanálise, produzindo uma interseção possível. O que seria casar, casal conjugal?

Casar é unir-se, por vontade própria, a uma outra pessoa, numa perspectiva de construir uma vida a dois, numa relação duradoura, assumindo papéis formais e informais na convivência cotidiana. O casal conjugal é formado, pelo eu, pelo você e pelo nós, compondo assim três partes, cada qual com seu significado, na perspectiva da construção de uma realidade comum (SATIR, 1995).

Carter e MacGoldrick (1995), consideram que é errôneo compreender o casamento como a união de dois indivíduos. Para elas, o casamento representa a modificação de dois sistemas inteiros, completamente diferentes e de padrões e expectativas conflitantes, que se sobrepõem e formam um terceiro sistema.

Nicolò (1995) em “Modelo psicanalítico de funcionamento do casal”, diz que “o casal é uma estrutura só aparentemente diádica” (ibid. p.76), porque sobre o casal pesam muitos elementos trazidos das famílias de origem e das primeiras relações objetais. A formação do casal nesta perspectiva se dá a partir das experiências infantis vividas por cada cônjuge, atravessada por aspectos psicológicos inconscientes, com encaixes da personalidade de cada um.

Levy (1966), no livro *Na escuta do laço conjugal*, afirma que a relação amorosa é uma tentativa de buscar a completude, outrora vivida, através do outro. Onde cada um do par conjugal irá buscar no outro a reedição do seus objetos primários, a reedição de seu narcisismo e a repetição de seus padrões infantis. Ao parceiro será demandando assegurar esse narcisismo perdido.

Puget e Berenstein (1993) definem casal conjugal como uma estrutura vincular entre duas pessoas de sexos diferentes (dois egos diferentes, com desejos diferentes) que estabelecem o compromisso de fazer parte dela em toda a sua plenitude, o que pressupõe uma relação estável. Esses autores entendem que o ser humano organiza sua vida vincular em estruturas, com estabilidades variadas. Da mesma forma, o casal conjugal pode ser reconhecido como uma estrutura, como unidade, através de quatro parâmetros definitórios:

cotidianidade, projeto vital compartilhado, relações sexuais e tendência monogâmica (Puget e Berenstein, 1993).

A cotidianidade refere-se a estabilidade do casal conjugal baseada por parâmetros de intercâmbio diário, em um lugar simbólico do vínculo, onde aos egos envolvidos são oferecidos lugares fixos - lugares vinculares e mentais; estabelecidos acordos e pactos inconscientes. Funciona como “um organizador dos ritmos de encontros e não-encontros do casal” (*ibid.* p.7). Também funciona como um ativador das relações primárias, daquelas marcas impressas e incorporadas à identidade desde que nascemos, e são reproduzidas automaticamente na vida. O projeto vital compartilhado consiste na capacidade do casal em unir as representações de realização e conquista que estão situadas no tempo futuro, e que permite a passagem permanente à cotidianidade. É inaugurado pelo compartilhar de um espaço-tempo vincular, através, por exemplo, de uma linguagem específica do casal, adquirida pelos dois egos envolvidos; e que ocupará um espaço-tempo na vida de cada um. Quanto às relações sexuais, estas, para Puget e Berenstein (1993), consistem no inter-relacionamento através dos órgão genitais e outras zonas corporais. Referente às tendências monogâmicas, baseia-se na ligação matrimonial com um só cônjuge, que para a psicanálise, tem como base a estrutura do “Objeto Único” (organização objetal ainda investida de narcisismo originário) (Puget e Berenstein, 1993).

Importante pontuar que o termo vínculo, aqui usado, “significa união ou atadura de uma pessoa ou coisa com outra. Utiliza-se também para expressar a ação de unir, juntar ou sujeitar” (*ibid.*p.18), que na perspectiva do casal conjugal pode ser interpretada do ponto de vista da antropologia estrutural e da psicossociologia, que apontam para o componente sociocultural, ou da psicanálise na perspectiva da teoria do aparelho psíquico (Puget e Berenstein, 1993).

No contexto da psicanálise, vínculo é o encontro de um ego com outro ego, podendo ser também denominada de relação intersubjetiva. O vínculo matrimonial possui duas representações: o espaço do macrocontexto social, local onde os sujeitos recebem as determinações sobre o modo de ser família e ser casal conjugal, e que carrega a finalidade da continuidade histórica, ocupando os lugares atribuídos de ser esposa e esposo, e atendendo as prescrições e proibições que lhes são impostas; e o espaço do Complexo de Édipo (temáticas cruciais para o estabelecimento do casal), orientada pela linha do desejo (Puget e Berenstein, 1993; Nicolò, 1995).

Além das prescrições sociais, cada ego envolvido, tenderá a cumprir o modelo parental de casal conjugal, além de atenderem a nuança particular e específica, constituída pela

componente emocional de ligação, do casal. Ou seja, as vicissitudes que envolvem o casal, passam por ter que atender todas essas realidades: o social, o parental e o do casal. Para Puget e Berenstein, é a harmonia que determina a qualidade do vínculo conjugal (PUGET e BEREMSTEIN, 1993).

3.2

Sexualidade e conjugalidade

O sexo tem função biológica, é uma necessidade primária. Porém, é o contexto sociocultural que determinará como será experienciado, exteriorizado: como felicidade sexual como propõe Reich (2004), ou inibida, sublimada ou distorcida (PEREIRA, 2017).

Como vimos no capítulo anterior, na contemporaneidade, a sexualidade e a conjugalidade se enlaçam de forma bem diferente do passado, isso porque, nos aponta Bozon (2003), nas últimas décadas do século XX a atividade sexual deixou de ser um direito do sujeito casado, adquirindo status de “motor interno da conjugalidade” (*ibid.* p.131). De forma que o intercâmbio sexual acontece nos primeiros encontros do casal e torna-se fundante, muitas vezes, do relacionamento. Abandonando assim uma prática comum no passado, a união conjugal por amor e a prática do sexo reservada aos sujeitos casados.

Para Maldonado (1986, p.41) “A dessexualização de um dos cônjuges pode ser um fator de peso para a busca de derivativos ou para a decisão de terminar o casamento”, ainda que uma separação se estenda por muitos anos. Regina, internauta, devido a falta do intercurso sexual por parte do marido, encontra-se entre trair e separar-se:

Já disse para meu esposo que outra no meu lugar já teria traído ou separado. Ele me ajuda com o serviço da casa, é caseiro até demais, não se programa para sair comigo, não me sinto desejada por ele. Si não fosse uma pessoa de bons princípios já teria traído ele. Por quanto sei que sexo não é tudo mais faz parte” (Regina in MOURA, 2015).

Com o fim do amor romântico, o prazer na conjugalidade torna-se a principal demanda dos relacionamentos. Estar juntos como casal não possui mais aquele peso institucional do passado e o casamento se justifica tão somente pelos laços afetivos-sexuais. No contexto da família contemporânea, a transmissão de patrimônio econômico não é mais o centro da relação, como no tempo de Reich, mas a busca da satisfação relacional, onde a qualidade das relações interpessoais são mais valorizadas do que a perenidade do grupo familiar (DIAS, 2000).

Neste contexto, a sexualidade passou a ocupar um lugar fundamental para a construção dos sujeitos, assumindo um considerável peso na esfera da intimidade e da afetividade. Na atualidade os domínios e interesses individuais de cada conjuge se sobrepõem aos interesses da conjugalidade. O casal só se mantém juntos se estiver bom para cada indivíduo (BOZON, 2003).

Há quem considere que a conjugalidade vive um paradoxo, uma dupla moral: de um lado está a sedução pelas sensações, e do outro, o saudosismo de um tempo, onde o que importava era o sentimento. No Censo de 2010 (IBGE), a taxa geral do divórcio atingiu seu maior valor desde 1984, subiu 36,8% o número de divórcio se comparado a 1990. Mas, os sujeitos continuam buscando o casamento, sendo desafiados a conciliar individualidade e conjugalidade, ao mesmo tempo que promovem a autonomia entre os cônjuges (FÉRES-CARNEIRO, 2003; FÉRES-CARNEIRO & ZIVIANI, 2009).

Como consequência de todas estas transformações, é certo que os valores, crenças e padrões de comportamento que abarcam amor, família e conjugalidade, sofram transformações significativas, porém, estas mudanças só transformaram parcialmente as relações de gênero. Isso porque o desejo feminino continua tendo menor legitimidade (BOZON, 2003).

Fleury & Abdo (2015), em suas pesquisas, consideram que a sexualidade é responsável por contribuir apenas com 15% a 20% para a satisfação conjugal. Nos dois ou três primeiros anos da vida comum, é bem frequente a atividade sexual, entre três e quatro vezes por semana. Nesta fase o casal está em construção e o ato sexual é responsável por criar a díade conjugal. No casal estável, a frequência diminui a um ritmo de duas relações semanais (BOZON, 2003; FLEURY & ABDO, 2015).

Camilo007, internauta, contribui com a opinião de que o modo como é vivida a relação de trabalho na contemporaneidade, onde o homem e a mulher estão no mercado de trabalho, ou estudando, ou até mesmo nas duas coisas, afeta, pelo cansaço, o desempenho sexual. Para ele, “o que acaba com a vontade, é o cansaço, pois hoje em dia os dois trabalham, ou estudam, quando se namora tem tempo de sobra” (Camilo007 in NAVARRO, 2013).

Sabe-se que o ato sexual pode torna-se uma forma suprema de comunicação e bem estar para o casal conjugal (REICH, 2004), e sua frequência irá variar de acordo com o estágio em que se encontra a conjugalidade. No casal inicial, há uma certa prevalência de disfunções sexuais que vão diminuindo ao longo do tempo. Em contrapartida, nota-se que a satisfação sexual também diminui (BOZON, 2003; REICH, 2004).

Outro ponto importante, é que os investimentos sexuais femininos e masculinos tendem a divergir, de maneira crescente ao longo do tempo; e as declarações de desejo feminino e de desejo compartilhado diminuem, e aumentam, sobretudo, as “divergências” entre homens e mulheres. Bozon (2003) ainda hipoteticamente declara que, para os homens, as relações sexuais funcionam como um ritual de confirmação do indivíduo, e não do casal. O que torna, para ele, ilusório acreditar na criação de um universo comum de sexualidade. No casal não há uma simetria entre o desejo masculino e o desejo feminino (BOZON, 2003).

Ainda sobre essas diferenças, Fleury & Abdo (2015) falam que, apesar do diferente funcionamento sexual entre homens (respostas físicas) e mulheres (desejo por intimidade e sentir-se desejada), o que garante a função sexual, a qualidade do relacionamento e a satisfação do casal, é a atração mútua e o equilíbrio entre intimidade e erotismo. Segundo estas autoras, os excessos na intimidade costumam provocar um certo constrangimento em abordar questões sexuais.

Giddens (1993) vai dizer que, para ambos os sexos, a intimidade é algo que em si afeta os principais aspectos do eu. Por isso, diante de ligações prolongadas, algumas pessoas preferem o afastamento, pois o prazer sexual muitas vezes só é garantido em encontros fortuitos. São pessoas que possuem uma precária sensação de segurança.

Lisboa (1985) aponta para o paradoxo medo-desejo à mulher vivido pelo homem, ao experimentar sentimentos supostamente “frágeis”. Relata o medo como um sentimento muito presente em certos homens (além do desejo) de estabelecerem uma conexão com determinados sentimentos e de expressá-los, e assim fundir-se à mulher e perder sua individualidade. Esse paradoxo coloca alguns em rota de fuga diante de um contato mais íntimo com as mulheres; e da ameaça iminente de perder seu ideal de masculinidade, cultivado e fortalecido ao longo dos anos em oposição ao que é considerado feminino.

Ainda sobre a pesquisa de Fleury & Abdo, quanto ao desejo da mulher por intimidade e sentir-se desejada, na atualidade a mudança no comportamento feminino é substancial, e as mulheres, pela primeira vez na história do ocidente, salvo raras exceções, estão autorizadas e estimuladas a desejar, a gozar e exigir novas atitudes de seus companheiros (GUIDDENS, 1993; GOLDENBERG, 2000 e 2010).

Desde os anos 60, as formas de contracepção vêm se tornando cada vez mais eficazes, liberando as mulheres para uma relação sexual mais protegida de uma gravidez indesejada e possível de viver uma sexualidade livre, com respostas também físicas, porém

não tão visíveis, e adiar ou até mesmo recusar a maternidade (GUIDDENS,1993; GOLDENBERG, 2000 e 2010).

No Brasil de cinco décadas atrás, a sexualidade ainda era um tabu, a virgindade uma espécie de troféu ou valor feminino, e a maternidade uma obrigação. Perder a virgindade antes do casamento, ou engravidar fora dele, traziam sérias complicações às mulheres. Com ou sem referências sexuais anteriores, fazer exigências sexuais aos seus parceiros não era nada aceito e muitas delas atendiam as demandas sexuais por obrigação, sem prazer e muitas vezes com sofrimento (BOZON, 2004, DIEHL, 2012).

Neste novo cenário de mulheres mais livres, o homem, segundo Diehl (2002), pode apresentar problemas na área sexual. Ele está, sim, mais companheiro e mais participativo, no entanto, encontra-se ainda muito distante afetivamente da nova mulher, que por sua vez está cada vez mais exigente frente à satisfação conjugal e sexual. Por isso, mais uma vez, ela é tornada culpada por esta dita crise do homem, por quererem mais sensualidade, erotismo, satisfação e prazer de seus companheiros. Tais exigências, somadas ao comportamento sexual livre, têm assustado os homens, desabitutados às cobranças como estas, o que pode aumentar sua preocupação com o bom desempenho e o medo de falhar. (DIEHL, 2002; GOLDENBERG, 2000 e 2010).

Alguns pesquisadores chegam a apontar um certo esvaziamento ou esfriamento do desejo sexual. Cunha (2010) menciona relatos de pacientes jovens, em consultórios psicanalíticos, de uma certa incapacidade de gozar, de sentir prazer no ato sexual. O autor arrisca considerar que isso se dá por um certo empobrecimento da imaginação sexual. Não foi possível encontrar relatos desta ordem nos blogs pesquisados, no entanto encontramos alguns achados que consideramos pertinentes como o de Nicinh que questiona,

Será que não está havendo falta de criatividade, cumplicidade, toque, carinho, ser insinuante de ambas as partes, conquistar um ao outro todos os dias, ser afetuosos, mandar mensagens e recadinhos... temos 37 anos de casados e somos felizes sexualmente. Tem que existir amor acima de tudo e imaginação dos dois (NAVARRO, 2013).

São variadas as soluções dadas pelos/as internautas. Uma internauta aponta ter enfrentado a falta de desejo do marido, mas que um certo distanciamento provocou as mudanças: “Aconteceu comigo. Mas, felizmente, meu marido passou meses em outro país, trabalhando. Quando voltou, o tesão também retornou”. (Carneiro in NAVARRO, 2013). Para o internauta 1 da sul Capão, a solução “é só fazer um sexo fora do casamento rs.rs, mas só os homens” (1 da sul Capão, ibid.). Uma outra solução feminina afirma que

“embora achem estranho, o swing é uma maneira inteligente e sadia de resolver este problema de falta de tesão. Os dois terão novos parceiros sexuais sem ninguém estar traindo” (Madame Rosa, *ibid.*). Mas para Daniely, “O JEITO É A SEPARAÇÃO...Porque já foi tentado de tudo da minha parte” (Daniely Alves, *ibid.*).

Bozon (2003) chama a atenção para o fato do homem, que chega a se declarar sem desejo para o intercuro sexual, coloca sua identidade sexual em completo risco. Para a mulher, que sempre lidou com a falta de desejo, seja por insatisfação ou por aumentar seu passe na conjugalidade, isso não é problema.

Diehl (2002) confirma esta informação, considerando que a impotência passou a significar o medo de ser trocado por um homem mais potente. E que o preconceito, o desrespeito e a ignorância da sociedade, fazem com que os homens brasileiros neguem seus problemas, medos sexuais e qualquer uso de facilitadores de ereção por temerem ser depreciados e ridicularizados socialmente. Até mesmo perante médico e psicólogos.

Em pesquisa realizada no ano 2000, no Rio Grande do Sul, Diehl (2002) demonstrou a alta porcentagem de disfunções sexuais masculinas. No tocante às mulheres, elas permanecem tendo menor frequência de relações sexuais. Dados como estes aparecem também nas pesquisas de Goldemberg (2000 e 2010). Para Diehl, nem todas as mulheres estão tão liberadas e seguras sexualmente, pois em sua pesquisa elas continuam com menor desprazer sexual, maior evitação e rejeição ao coito. No entanto, tiveram melhor funcionamento sexual as que moram na capital em detrimento das que residiam no interior. Esta diferença também ficou evidenciada para os homens, com maior disfunção erétil e maior evitação do intercuro sexual nas cidades do interior.

3.3

Relação sexual e manejo do conflito

Vimos no subcapítulo anterior que as crenças sobre o sexo tem uma interferência muito significativa no intercuro sexual, e por causa delas, muitas disfunções sexuais são provocadas, muitas vezes, pela ansiedade e depressão. E isso interfere substancialmente na relação conjugal produzindo ansiedade e sofrimento o casal conjugal.

Satir (1995) vai dizer que o casal harmonioso e sadio é aquele que conseguiu dar atenção para “os papéis e expectativas sociais e aos efeitos das relações com os pais sobre

os parceiros adultos, aos problemas da autoestima” (p.30), e ao modo como são desempenhados os papéis de pai e mãe através de projeções recíprocas.

Ela vai propor cinco ideias que podem ajudar os membros do casal a se relacionarem, a se verem a si mesmas, e que podem servir como ferramenta de trabalho terapêutico: Primeira: desenvolver um senso de igualdade entre as partes; Segunda: desenvolver e integrar as partes intuitivas e cognitivas presentes em todas as pessoas, homens e mulheres, ajudando a cada um deles a se tornarem um todo; Terceira: ajudar a separar a identidade individual dos papéis sociais, possibilitando que cada um encontre a si mesmos por trás do papel e colocar esse si mesmo no centro. Para Satir (1995), os papéis que definem o que é ser homem e o que é ser mulher são os mais perigosos, porque historicamente esses papéis foram muito rígidos, mas com as flexibilidades alcançadas nos últimos tempos, os alicerces do modelo de dominação e submissão de homens e mulheres foram abalados; Quarta: desenvolver uma boa autoestima, visto que as escolhas de cada um são feitas a favor ou contra si mesmo, e é o que capacita ao amor autêntico, do contrário, são criadas defesas diante das dificuldades; Quinta: perceber que as pessoas são vidas em ação e por isso são parte da vida, que são seres espirituais, e a partir disso desenvolver a paixão e compaixão por si mesmo, pelos outros e pela vida.

Rodrigues Jr (2017), propõe que a psicoterapia focalizada na sexualidade possa incluir a parceria sexual, isso no contexto da psicoterapia de casal e família é de grande importância, levando em conta as estimativas das disfunções sexuais que dificultam ou prejudicam o intercurso sexual e causam sofrimento.

4

Considerações Finais

Como vimos no capítulo 2, a atualidade é marcada por inúmeras contradições e também regida pelo narcisismo, uma das principais características da contemporaneidade. O narcisismo forjado pela sociedade contemporânea é um grande desafio para a prática clínica das psicoterapias de casal e família. Isso porque, o casal conjugal precisa, na atualidade, conciliar a variedade no modo de ser casal e família, com a vida familiar e a realização pessoal, o que não é uma tarefa simples. O individualismo, o narcisismo, e as estruturas sociais em constantes mudanças, atravessam os indivíduos, podendo impedi-los de viver a conjugalidade na sua potência, sendo denunciado muitas vezes pela falta do intercuro sexual. Vimos que através da sexualidade, usada como dispositivo do poder instituído, os corpos, as forças, as energias, as sensações e os prazeres são captados pelo sistema, o que não passa inócuo ao casal conjugal.

Observou-se também a contribuição que o feminismo trouxe através da discussão do conceito de gênero, e que tem possibilitado a desnaturalização dos papéis e das identidades rígidas atribuídos a homens e mulheres, possibilitando novos modelos de ser masculino e feminino, e de sentir e se relacionar de maneira mais satisfatória e livre.

Vimos o quão importante é uma abordagem da sexualidade humana como parte indivisível do ser humano, por sua dimensão constitutiva e de caráter complexo, que só pode ser entendida a partir de uma perspectiva multidisciplinar e muito pertinente à clínica de casal e família.

Referente à falta de intercuro sexual por parte do sujeito masculino, sentimos uma certa dificuldade de coleta de depoimento na internet. No entanto, foi possível observar junto aos autores trabalhados, duas dimensões importantes: a falta de intercuro sexual devido à falta de desejo sexual proveniente da relação monogâmica, como nos aponta Reich e outros teóricos; e pela disfunção sexual causada principalmente por fatores psicossociais, relacionadas a ideias e crenças sobre sexo. Também foi visto o quanto essa sociedade, através da mídia e internet, vem produzindo essas ideias e crenças sobre o sexo, de forma distorcida da realidade e por isso, produzindo muitas vezes o sofrimento e afastamento do intercuro sexual.

Apontamos algumas propostas possíveis, principalmente na perspectiva de Satir (1995), para o manejo clínico do conflito produzido pela falta do intercuro sexual nas relações conjugais. Baseado principalmente em ajudar os membros do casal a se relacionarem, a se verem a si mesmas, minimizando a ansiedade e o sofrimento do par conjugal. O respeito à totalidade da dimensão do ser humano que engloba aspectos biológicos, psicológicos e sociais, pode facilitar a vivência de uma sexualidade mais saudável e com isso uma conjugalidade mais potente.

5

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. (1967) **O Segundo Sexo II** – a experiência vivida. 2. ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro

BIRMAN, J. (2003). **Conferência: Dor e sofrimento num mundo sem mediação**. In: Estados Gerais da Psicanálise: II Encontro Mundial. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/5c_Birman_02230503_port.pdf>. Acesso em 10/10/2017.

_____ (2012). **O sujeito na contemporaneidade** – espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira

_____ (2016). **Mal-estar na atualidade – A psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BOZON, M. (2003). **Sexualidade e conjugalidade. A redefinição das relações de gênero na França contemporânea**. Cad. Pagu, nº 20, Campinas.

_____ (2004) **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 172 p.

BRASIL, IBGE. (2017) **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 22 jan.

CARELLI, Aruza R. (2017). Sexualidade humana do passado ao presente. In Diehl, Alessandra; Vieira, Denise Leite. **Sexualidade - do prazer ao sofrer**. - 2. ed. – Rio de Janeiro: Roca. Kindle Edition. 714 p.

CARTER, B e MCGOLDRICK, M (ogs.). (1995) **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar**. Porto Alegre - Artes Médicas - 2º Edição.

CAVALHEIRO, GOMES & ZIEMKIEWICZ, (2017). Mídias e sexualidades/ desafios dos tempos mordenos. In Diehl, Alessandra; Vieira, Denise Leite. **Sexualidade - Do Prazer ao Sofrer**. - 2. ed. – Rio de Janeiro: Roca. Kindle Edition. 714 p.

CHODOROW, Nancy. (1990) **Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, (1978).

CUNHA, E. (2010). **O sexo e seus destinos: a psicanálise, o mundo contemporâneo e a história da sexualidade**. In: Maria Regina Prata (Org.). Sexualidades. (pp. 95-116). Rio de Janeiro: Contra Capa.

DIAS, M.V. **A construção do casal contemporâneo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2000.

DIEHL, A. (2002). **O homem e a nova mulher – novos padrões sexuais de conjugalidade**. In A. Wagner (coord). **Família em cena: tramas, dramas e transformações** (pp. 135-158). Petrópolis: Vozes.

_____ e VIEIRA, Denise L. (2017) **Sexualidade: do prazer ao sofrer** - 2. ed. – Rio de Janeiro: Roca. Kindle Edition. 714 p.

EMBIRUÇU, T e LORDELLO, M. C de O. (2017). Psicoterapias sociais. In Diehl, Alessandra; Vieira, Denise Leite. **Sexualidade - Do Prazer ao Sofrer**. - 2. ed. – Rio de Janeiro: Roca. Kindle Edition. 714 p.

FÉRES-CARNEIRO, T. (2003). (Org). **Família e Casal: Arranjos e demandas contemporâneas**. São Paulo: Loyola, p. 205-218.

_____ (2009). **Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade**. In: T. Féres-Carneiro (org.). Casal e família: permanências e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo.

FLEURY, H. e ABDO, C. (2015). **Terapia de casal para superar disfunções sexuais**. Medicina Sexual. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2016/v21n1/a5422.pdf>>Acessado em 29/06/2017.

FREUD, S. (1905) **Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago. Ed. Standart Brasileira, Obras Completas, vol. VII.

_____ (1910) **Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância**. Rio de Janeiro: Imago. Ed. Standart Brasileira, Obras Completas, vol. XI.

_____ (1914) **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Rio de Janeiro: Imago. Ed. Standart Brasileira, Obras Completas, vol. V.

_____ (1930/1996). **O mal-estar na civilização**. Janeiro: Imago. Ed. Standart Brasileira, Obras Completas, vol. XXI.

FOUCALT, M. (1979). **História da sexualidade I: A vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977. 2ª. ed.

_____ (1986) **A História da Sexualidade II –O Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Graal

_____ (1999). **As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas**. Trad. Salma Tannus Muchail. – 2ª. ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (Coleção Tópicos)

_____ (2004). **A ética do cuidado de si como prática da liberdade**. In: Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

GIDDENS, A. (1993). **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

GOLDENBERG, M. (2000). **Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros/org**. Miriam Goldenberg. Rio de Janeiro: Record.

_____ (2010) **Intimidade**. Rio de Janeiro. Record.

LEVY, L. (1966). **Na escuta do laço conjugal**. Rio de Janeiro: UAPÊ

NAVARRO, Regina. (2013) **Porque o desejo acaba no casamento?** Disponível em: <https://reginavarro.blogosfera.uol.com.br/2013/07/13/por-que-o-desejo-acaba-no-casamento/>. Acesso em: 13/04/2017.

NICOLÒ, A. (2002). O Modelo psicanalítico de funcionamento de Casal. In ANDOLFI, M. **A crise do casal: uma perspectiva sistêmica-relacional** / Organizado por Maurizio Aldolfi; trad. Lauro Kahl e Giovanni Menegoz – Porto Alegre: Artmed Editora.

MOURA, Dado. (2015). **A falta de desejo no casamento**. Disponível em: <<http://meurelacionamento.net/faltadedesejocasamento/>>. Acesso em: 13/04/2017.

SANTIR, V. (2002) Mudança no casal. In ANDOLFI, M. **A crise do casal: uma perspectiva sistêmica-relacional** / Organizado por Maurizio Aldolfi; trad. Lauro Kahl e Giovanni Menegoz – Porto Alegre: Artmed Editora.

PEREIRA, C. (2017). Anatomia, fisiologia e neurobiologia sexual. In Diehl, Alessandra; Vieira, Denise Leite. **Sexualidade - Do Prazer ao Sofrer**. - 2. ed. – Rio de Janeiro: Roca. Kindle Edition. 714 p.

REICH, W. (1969). **A revolução sexual**; trad. Ary Blaustein. – Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (2004). **A função do orgasmo: problemas econômicos-sexuais da energia biológica**; trad. Maria da Gloria Noval. – São Paulo: Brasiliense.

RODRIGUES Jr, Oswaldo M. (2017). Disfunções sexuais masculinas. In Diehl, Alessandra; Vieira, Denise Leite. **Sexualidade - Do Prazer ao Sofrer**. - 2. ed. – Rio de Janeiro: Roca. Kindle Edition. 714 p.

ROLNICK, S. (1998) Subjetividade Antropofágica. Publicado em: Subjetividade Antropofágica / Anthropophagic Subjectivity. In: HERKENHOFF, Paulo e PEDROSA, Adriano (Edit.). **Arte Contemporânea Brasileira: Um e/entre Outro/s**, XXIVa Bienal Internacional de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998. P. 128-147. Edição bilíngue. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/gustavob/files/1186/6775/Subjetividade+Antropof%C3%A1gica.pdf>>. Acesso em: 28/06/2017.

_____. (1996). **O híbrido de Lygia Clarrk**. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Hibrido.pdf>. Acesso em 28/06/2017.

ROUDINESCO, E. (1998). **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

SCHMIDT, A. C. e DIEHL, A. (2017). Sexo à venda/prostituição, pornografia e indústria do sexo. In Diehl, Alessandra; Vieira, Denise Leite. **Sexualidade - Do Prazer ao Sofrer**. - 2. ed. – Rio de Janeiro: Roca. Kindle Edition. 714 p.